

RUBEM BRAGA

A HISTÓRIA

ORA, vamos respeitar os mortos; mas para isso não é preciso faltar ao respeito para com os vivos. O Departamento de Estado divulgou o texto de uma mensagem do embaixador alemão no Rio, em junho de 1940, dando conta ao Ministério do Exterior alemão de uma sua entrevista com o então presidente Vargas. Ali o embaixador Pruler conta: «... o presidente salientou, de sua própria iniciativa, sua firme intenção de manter a neutralidade e sua simpatia pessoal para com os Estados totalitários, referindo-se ao mesmo tempo ao discurso pronunciado recentemente por ele. Manifestou abertamente sua aversão à Inglaterra e ao sistema democrático».

Alguns amigos do falecido estão querendo nos convencer de que tudo isso é falso. Não chegam a dizer que o Departamento de Estado forjou esse documento; alegam que o embaixador Pruler estava contando vantagem para Berlim... Fica-lhes muito bem, a esses amigos, querer limpar a memória do delunto; mas eles deviam dar um jeito de fazer isso sem insultar a memória dos vivos. O que o sr. Vargas disse ao embaixador Pruler foi praticamente a mesma coisa que ele disse à Nação e ao mundo em um discurso comemorativo da batalha de Riachuelo, naquele mesmo ano de 1940 e mês de junho, no dia 11 — alguns dias antes de sua entrevista reservada com o embaixador nazista.

O homem instaurara um regime de força, era ditador, simpatizava com os regimes de força e com os ditadores. Sua polícia praticava aqui as mesmas misérias e horrores da polícia nazista.

Mais tarde, como vários cavalheiros que ainda estão circulando por aí, o sr. Vargas «virou» democrata; isso, por coincidência, aconteceu quando os aliados começaram a dar nas forças do Eixo. Hoje até o sr. Filinto Muller, carrascador de Vargas, é democrata. Mas creio que nem ele negará suas passadas simpatias pelo nazismo. Não creio — mas também não aposto...

Não é com boa vontade que se escreve a História. Isso às vezes demanda, acima de tudo, coragem. O ato mais corajoso do ainda jovem governo do sr. Juscelino é a nota que distribuiu através da Agência Nacional sobre os acontecimentos da União Nacional dos Estudantes: «**não há nenhuma pessoa, seja estudante ou parlamentar, que tenha sido agredida por qualquer autoridade policial ou militar.**»

Fotógrafos de todos os jornais, inclusive dos mais simpáticos ao governo, tinham tido a cara e as máquinas arrebatadas. Além de numerosos estudantes, cujos nomes e endereços estão em todos os jornais, vários deputados e vereadores haviam sido espancados pouco antes, e alguns ainda estavam no Pronto Socorro, inclusive o vice-líder da maioria na Câmara Municipal, moldos de cassetete e pontapés.

E o governo, com toda sua autoridade: «**não há nenhuma pessoa...**».

Esse governo começou a funcionar com a Constituição numa das mãos e o parabelum na outra. Agora é o porrete na mão direita e uma nota da Agência Nacional na esquerda — assim se faz e se escreve a História com rapidez, mesmo porque, como é sabido, uma mão lava a outra, etc., etc...